

# Amores, senões, destinos... ou Grande oceano: ilhas

Maria Helena Nery Garcez\*

## Resumo

Confronto **GSV** e **Mau tempo no Canal** de Vitorino Nemésio. Aparentemente muito dissemelhantes, pertencem à grande linhagem das obras que discutem as relações do homem com as forças que o superam. **MTC** tem mais vínculos com **O Livro de Jonas**, **Moby Dick** e a tragédia clássica; **GSV** está mais próximo do **Livro de Jó** e da espiritualidade cristã.

Palavras-chave: Guimarães Rosa numa visão comparatista; Guimarães Rosa e a tradição metafísica; Guimarães Rosa e Vitorino Nemésio; **Grande sertão: veredas** e **Mau tempo no Canal**.

**A** primeira vista, pouco de comum entre o romance de Guimarães Rosa (1908-1967) e **Mau tempo no Canal**, de Vitorino Nemésio (1901-1978). De fato, bastante diversa é a geografia dos espaços ficcionais, os enredos, seu elemento humano retratado, as técnicas narrativas, as sociedades aonde transcorrem as ações. Diverso o valor estético atribuível a cada um: o **Grande sertão: veredas**<sup>1</sup> é, sem dúvida, superior. Diversos, mas análogos.

O romance de VN (1944) surgiu quando, em Portugal, já se instaurara o neorealismo. **MTC**, embora evidencie um espaço social injusto, não pertence àquela poética. Por sua vez, o de GR (1956), criação de uma região brasileira de traços fortemente marcados, também não pode ser incluído no regionalismo. Ambos desenvolvem uma densa trama em que o espaço, muito característico, é decisivo, impondo, a todo instante, sua presença, mas aonde também, a todo instante, o drama humano o supera e transcende. Nele, as personagens, em complicadas rotas, exteriores e interiores, deparam com seus oásis: veredas, para o homem do

\* Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

<sup>1</sup> Doravante utilizarei as iniciais **MTC** e **GSV** para referir-me aos romances de Vitorino Nemésio e Guimarães Rosa e as iniciais **VN** e **GR** para seus autores.



Sertão, ilhas, para o da imensidão oceânica, daí a analogia do subtítulo: “Grande oceano: ilhas”.

GSV é uma ousada experiência épica centrada no homem rústico às voltas com o Sertão, em todos os sentidos do termo. A MTC não convém o caracterizador épico; esporadicamente ele o é, quando os baleeiros açorianos – heróicos – relatam fainas da vida e pesca no *Ariôche* (*Artic Ocean*), ou perseguem baleias no Canal que circunda o grupo central do Arquipélago aonde transcorre a ação: ilhas do Faial, Pico, São Jorge e Terceira. Se GR põe, o tempo todo, o Sertão a falar – sua voz narrativa é apenas uma – VN, ao representar uma organização social mais diversificada, põe o Arquipélago a falar em todos seus níveis. Na segunda década do novecentos, a população era, em grande parte, constituída por baleeiros e, nalguns capítulos, o Autor lhes dá a voz. São os capítulos do heroísmo dos humildes que, pela valentia e lealdade, recordam a figura do “português antigo”. Como os jagunços, os baleeiros são analfabetos, falam num linguajar estropiado, vivem incôscios de seu heroísmo e grandeza. VN, porém, não lhes cede a totalidade da narrativa; além dela, seu narrar mescla outros discursos e olhares, dando voz à aristocracia decadente e à ascendente burguesia provinciana. Cunhou, o Autor, o termo açorianidade para designar a condição do homem do Arquipélago, de cuja totalidade seu romance é amostragem. Adentremos, pois, nesses espaços.

O Sertão – impressionante profusão de aves de variados cantos, verdes buri-tis, cavalos, bois bravos e fauna típica – é extensão enorme de chapadões, serras, vegetação do cerrado, trechos arenosos e desérticos, contrastando com as barrancas férteis e águas do S. Francisco, Urucuia, Paracatu, Carinhanha. O Canal, que o romance ergue sob um mau tempo, é um trecho, entre ilhas, da enorme extensão atlântica onde os Açores se situam: a 800 milhas da costa de Portugal, entre as coordenadas 37° e 40°N de latitude e 25° e 32°W de longitude. São três horas de vôo a jato para alcançar a Ilha de São Miguel, primeiro oásis de terra entre Portugal e os EUA. Figure-se, então, o isolamento do Arquipélago nos finais da 1ª Guerra, época da ação, quando as embarcações saídas da Europa levavam dias para ir ter à primeira ilha e, em lá chegando, consoante os destinos, prosseguiam viagem. Ilhas vulcânicas, solo de lava, lagoas de coloração intensa e mesclada, vegetação quase paradisíaca, constantes variações climáticas ao longo do dia. Mais: os Açores assim se chamam pela presença, em suas paragens, do açor ou milhafre, ave de rapina. Em ambos espaços, é dramática a precariedade dos meios de comunicação, do acesso ao saber, das condições de saneamento, da assistência médica; em ambos, guardadas as diferenças, há o contraste entre abastados e pobres, deparamos com miseráveis e/ou doentes, entregues à própria sorte. Na época da saga açoriana, uma epidemia de peste bubônica grassava nas

ilhas. Na gesta sertaneja, segunda metade do Oitocentos, os flagelos são a lepra, a bexiga, a fome, a desnutrição. Entretanto, o maior, parece ser a completa e total ausência de amparo governamental, de justiça instituída, o arbítrio da violência, a insegurança, o medo.

Se a vida nos Açores era mais civilizada, era, também, mesquinha, padecendo isolamento, falta de postos de trabalho, precariedade de infra-estruturas. Nos Gerais, imperava a lei do mais forte, do terra-tenente rico, que podia dispor de jagunços às suas ordens e fazer a justiça como bem lhe parecesse. Esse teor de violência não se aplicava aos Açores. Neles, lutas entre a aristocracia decadente e a grosseira burguesia ascendente. Antigas famílias, algumas fruto de alianças com ingleses vindos para explorar a pesca da baleia, já há tempos lidavam com dívidas para manter *status* e orgulho. As baleias, desordenadamente dizimadas, rareavam e o leque do mau tempo no Canal abria-se cada vez mais. Nesses cenários, díspares e até opostos, mas análogos na dureza das condições de vida, é que as personagens irão percorrer seus caminhos.

A técnica narrativa diverge muito nas obras. A nemesiana é dividida em 37 capítulos, narrada em 3ª pessoa, entremeada de freqüentes discursos indiretos livres; a rosiana não admite divisões. É um compacto discurso em 1ª pessoa, um infundável monólogo dentro de um diálogo, em que Riobaldo conta sua vida a um interlocutor. Sua fala principia em resposta a uma pergunta oculta, sobre tiros ouvidos. Inicialmente tranquilizadora, vai, pouco a pouco, operando uma minuciosa reconstituição de um passado, prenhe de violências, heróico e trágico, em que a voz narradora nos faz mergulhar nos ziguezagues de sua história, narrada em meio a incertezas, alertas, avaliações e questionamentos, permeados por observações acerca das dificuldades do narrar.

Nada disso comparece em **MTC**, onde inexistente uma situação de oralidade e escuta. O narrador, usando do *showing*, do *telling*, da 3ª pessoa, da focalização interna, de cartas e bilhetes, vai desdobrando o fio de uma história que, ao mimetizar uma sociedade acanhada, às vezes se apresenta tediosa, outras nos surpreende, estimula a curiosidade, prende-nos à imprevisível rede de acontecimentos que fogem ao controle das personagens e se nos afiguram enigmáticos, cruéis até. Há lacunas, implícitos, falsas pistas. E é preciso estender as antenas ao máximo, pois arriscamos deixar passar, aqui e acolá, a linguagem das sugestões, elipses, indícios e insinuações.

Noutro texto (GARCEZ, 2003), analisei as epígrafes que presidem à obra, mostrando sua importante função. Parecendo anódinas, são calculadíssimas. Dizem da geografia física, econômica e humana, clima, isolamento e beleza, mas também e, como de passagem, inserem o romance numa tradição literária. Penso na 2ª epígrafe, tirada de **Moby Dick** (MELVILLE, 1851), a mais célebre obra

centrada na caça à baleia e nos baleeiros às voltas com bem e mal. Não pela idéia que a epígrafe diretamente refere – corriqueira –, mas por outros motivos:

1º) revela a condição açoriana de um dos baleeiros do *Pequod*, modo indireto de o Autor significar que o Arquipélago tinha, na pesca da baleia, o esteio de sua economia e, o povo, seu meio de subsistência;

2º) e principal motivo – porque a caça à baleia que Melville relata é muito mais do que uma caça à baleia. Nesse romance alegórico, o projeto do capitão Acab – pactário – é exterminar a Baleia Branca, para ele, o mal encarnado.

No nemesiano, personagem alguma está cogitando em exterminar o mal, o que não significa que este não se faça sub-repticiamente atuante. A protagonista, Margarida Clark Dulmo, casadoira, bela, de forte personalidade, pertence a uma das grandes famílias do Faial, ligada aos negócios da pesca da baleia. Falida, porém. O romance delinea o destino de Margarida, e os daqueles que, com o dela, se imbricam. O subtítulo deste trabalho, simétrico ao de GR, privilegia uma semelhança fundamental: naqueles grandiosos e inóspitos cenários, acompanharemos dramas e peripécias de personagens às quais neles tocou viver, alegrias, dores e enigmas de seus mundos afetivos: seus “labyrinthos”, no dizer de Riobaldo.

Contar histórias de amor pode parecer desimportante e pouco original, mas é engano. Não é fato que todos os homens buscam a felicidade, intimamente ligada aos afetos? Dizer de um romance que ele conta uma história de amor, pode parecer diminuí-lo em face de questões “mais importantes”. Seria? Em ambas obras, o grande amor não se alcança; em ambas, as personagens têm de se conformar com “o amor de prata”. Em ambas, através das vicissitudes amorosas, o mistério da existência assume nítida visibilidade, as histórias desembocam no enigma dos encontros e desencontros, nas escolhas, perdas e ganhos, na teia dos destinos.

Margarida, que tem de Riobaldo e de Diadorim, está, desde o início, em desassossego. Suas aspirações parecem ir muito além do acanhado meio em que vive. “(...) É que não posso estar muito tempo fechada; dá-me a impressão de que abafou... até nas Vinhas! Olha que no Pico é a mesma coisa” (VN, 1999, p. 36). Do 1º capítulo, “A serpente cega”, cito uma frase emblemática:

Quase sem darem por isso, estavam sentados num banco de lava e tijolo, com painel de azulejos arruinados: restos de cenas da Bíblia e toscos motivos de caça, com o caçador ratado e aves maiores do que ele. Pareciam ter muito que dizer, e mal falavam. (...) João Garcia perdera a cintura e a mão de Margarida, agora entretida a rolar a serpente do anel. (p. 39)

Parece importante tentar decifrá-la. Se os azulejos estão “arruinados”, deduz-se que, antes, não estavam afetados pelo “ruim” que os “arruinou”. Não é significativo que os “restos” sejam de “cenas bíblicas”? O caçador – que, por defini-

ção, busca uma presa – está “ratado”, fulto dos azulejos que o tornavam íntegro. Mais: as caças figuradas são “aves maiores do que ele”. Não podemos ler, nas condições em que o painel está, uma figura do cosmos degradado e do degradado homem que o habita? Atentemos para a derradeira frase: “JC perdera a cintura e a mão de Margarida, agora entretida a rolar a serpente do anel”. O desenlace do amor entre os dois já não está anunciado nos azulejos, mônada que contém esse universo? Ele perderá a cintura e a mão de Margarida – “ave maior do que ele” – sempre às voltas com a enigmática serpente do anel.

João Garcia, entretanto, planejara a conversa. Iria, por três meses, ao continente, para um curso de milicianos, faria um concurso para uma vaga nos Açores; então, poderiam casar-se. Tenta explicar o plano a Margarida, visando a uma confirmação de compromisso. Ela, contudo, se alheia, o cão Açor arremete contra o rapaz, um ciclone se desencadeia e Diogo Dulmo, inimigo figadal do pai de João Garcia, os vê juntos, o que não convinha. A conversa não se conclui, o compromisso não se explicita; Garcia parte na incerteza e Margarida sofrerá punição por ter sido vista em colóquio com o pretendente indesejado. Emperrado colóquio, esse, no jardim da Quinta dos Dulmos. Simulacro arruinado do colóquio paradigmático entre o primeiro homem e a primeira mulher, no Éden, do qual também participou a serpente. Um homem e uma mulher tentam entender-se mas não se entendem num jardim/mundo, que parece paradisíaco mas não é. Assenta bem a Garcia, o verso camoniano: “mas não lhe sucedeu como cuidava” (I, 44).

O imprevisto, o senão que se introduz nos planos, colocando obstáculos, não é o épico das quotidianas vidas? No espaço meio arruinado aonde nos movemos, as coisas sucedem como planejáramos? João Garcia nunca estivera tão perto de alcançar o que desejava e, não mais, ao longo de toda a obra, encontrará oportunidade igual àquela. A que se deveria o desconcerto? À ave bem maior do que ele? À serpente, dita cega, mas só meio cega, que, enrodilhada no dedo da jovem, a distraía da conversa? “— Queres ver o anel?... É uma serpente. — João Garcia procurava a cabeça da serpente com o polegar comovido nos dedos de Margarida. — Os olhos são verdes... Não vês, não; falta-lhe uma esmeralda” (VN, 1999, p. 40).

Curiosamente, no capítulo XVII, numa noitada com amigos, em que Garcia, excedendo-se na bebida, perde sua contenção, destroços daquele colóquio na Quinta vêm à tona:

— Eu brindo a Grete e ao seu amor funesto! Onde estás, que me foges? Não te lembras daquela noite em que ias de cabelo ao vento à beira de um precipício?... As minhas mãos pálidas agarravam-te os dedos pequeninos! Quem partiu os milhafres dos azulejos daquele parque nocturno no Arizona e cegou para sempre a serpente de bronze, nossa confidente e cúmplice?... O teu vestido leve prendia-se às silvas dos atalhos... Ias de noiva à chuva que te encharcava os cabelos... eu corria no escuro e chamava-te em vão! A seiva das árvores ardia no vento que nos levava. “Grete! Gre-

te” ... “— Não! Não! Deixa-me; eu volto!...” “Quem rasgou, quem poluiu os meus lençóis de linho?... (Mau... Isto é do Camilo Pessanha!). Quem quebrou (que furor cruel e simiesco!)” o ramo da velha laranjeira que se enganou nas flores?... (p. 169)

Na fala sem censura, João Garcia funde Grete,<sup>2</sup> a jovem da malfadada história ouvida, com Margarida. Grete é diminutivo de *Margrethe*, ou *Gretchen*, Margarida, em alemão. A Grete da trágica história teve de casar-se para salvar o pai de dívidas e, também por isso, Garcia as identifica. Este, por sua vez, assume o pungente drama existencial do soneto de Pessanha, aplicando-o à ruína de seus sonhos. Na fusão operada entre a história de Grete, o colóquio com Margarida no jardim e seu próprio drama, as aves são identificadas aos milhafres e a serpente, cega para sempre, é associada à de bronze. Garcia se interroga, com perplexidade e dor, acerca do agente que partiu os milhafres dos azulejos. Também a serpente, marcada por ambíguo simbolismo, poderia ser diabólica ou salvadora. Nessa ocasião, ele a interpreta de modo positivo: “confidente e cúmplice”. Em sua fala, mista de consciente e inconsciente, ela é identificada àquela de bronze que, no deserto, Moisés mandara fundir e elevar numa haste, como antídoto a todos os que tivessem sido picados pelas serpentes venenosas. Olhando-a, ficariam curados. Tal episódio, Cristo o aplicará a si, lendo-o como figura dele próprio quando, levantado na cruz, atrairia todas as coisas para saná-las do mal.<sup>3</sup> A fala de Garcia, contudo, extravasa desesperança e dor: alguém cegou para sempre a serpente de bronze, a confidente e cúmplice do amor entre ele e Margarida. Amor que nem salva nem terá salvação. No epílogo da obra, como presente de André Barreto, a serpente/anel recupera a esmeralda/olho que, há anos, a jovem tinha perdido. Porém, a integridade do anel, assim restaurada, desgosta tanto Margarida que, do convés do navio, num complexo ímpeto em que se fundem fúria, impotência, desgosto e exasperação, ela lança o anel ao mar. Típica figura nemesiana: intrincado nó de significados.

Irrespondidas ficam as veementes indagações de João Garcia, na esteira das do soneto de Pessanha: quem é o agente da destruição? quem arruína os bons momentos? interfere nos planos? põe obstáculos à vida? destrói a felicidade entrevista? quem parte os milhafres dos azulejos, maiores do que aquele que os quer caçar? quem torna ratado o caçador? No discurso explícito do romance, uma total ausência de respostas.

Passemos ao GSV, numa cena posterior à recepção da notícia da morte de Joça Ramiro.

<sup>2</sup> É impossível não evocar, no nome Gretchen ou Grete, a inesquecível personagem do *Fausto*, de Goethe.

<sup>3</sup> Números, 21, 4-9 e João, 3, 13-17.

Redeando, rumamos, em tralha e torto, por aquele a-fora – a gente ia investir o sertão, os mares de calor. (...) João Goanhá, em toda economizada estatura, foi ver a gente vindo e abriu seus bons braços. Ele estava com próprios trezentos guerreiros. E sempre outros chegavam... (...) Veio até quem não se imaginou: (...) E o gado em pé que se provia, para se abater e se comer, chegava a ser uma boiada. Com sacas de farinha, surrão de sal, e açúcar preto e café (...) Mas a lei de homem não é seus instrumentos. Saímos em guerra. Ahã, do norte, da Lagoa-do-Boi, com troca de avisos, sobrevinha também o bastante da rapaziada dos baianos, debaixo do comando de Alípio Mota, cunhado de Sô Candelário. A simples íamos cercar bonito os Judas, não tinham escape. Aindas que se escapassem para o poente, atravessassem o rio, ah, encontravam ferro e fogo: lá estava Medeiro Vaz – o rei dos Gerais!

Saímos, sobre, fomos. Mas descemos no canudo das desgraças, ei, saiba o senhor. Desarma do tempo, hora de paga e perdas, e o mais, que a gente tinha de purgar, segundo se diz. Tudo o melhor fizemos, e tudo no fim desandava. Deus não devia de ajudar a quem vai por santas vinganças?! Devia. Nós não estávamos forte em frente, com a coragem esporeada? Estávamos. Mas, então? Ah, então: mas tem o Outro – o figura, o moceção, o tunes, o cramulhão, o debo, o carochó, do pé-de-pato, o mal-encarado, aquele, – o que-não-existe! (...) O Hermógenes que, – por valente e valentão – para demais até ao fim deste mundo e do juízo-final se danara, oco de alma. Contra ele a gente ia. Contra o demo se podia? Quem a quem? Milagres tristes desses também se dão. Como eles conseguiram fugir das unhas da gente, se escaparam – o Ricardão e o Hermógenes – os Judas. Pois eles escapuliram: passaram *perto, légua*, quarto-de-légua, com toda sua jagunçama, e não vimos, não ouvimos, não soubemos, tivemos jeito nenhum para cercar e impedir. (...) (GR, p. 284-286)

É o espanto de Riobaldo frente ao que chama de “milagre triste”. Espanto que não quer consolação nem razões insuficientes, pois sabe que ninguém a tem, nem mesmo o doutor para quem ele se conta e se queixa. “Conto minha vida, que não entendi” (p. 461). Entenderá ao final? ou o contar será mais um dividir com outrem o espanto frente ao que supera a lógica? Tudo planejado, tudo confluindo para dar certo, pensado e bem pensado: “Tudo o melhor fizemos, e tudo no fim desandava”. Também a Riobaldo e à jagunçada não lhes sucedeu como cuidavam. Tempos depois, ele raciocina: “Nós não estávamos forte em frente, com a coragem esporeada? Estávamos. Mas, então? Ah, então: mas tem o Outro (...) Contra o demo se podia? Quem a quem?”. Não é analogamente curioso? Também aqui há algo maior do que o “caçador”. Como medir forças com o Cujo, o demo, o Cão...?

(...) da existência desse me defendo, em pedras pontudas ajoelhado, beijando a barra do manto de minha Nossa Senhora da Abadia! Ah, só Ela me vale; mas vale por um mar sem fim... Sertão. Se a Santa puser em mim os olhos, como é que ele pode me ver?! Digo isto ao Senhor, e digo: paz. Mas naquele tempo, eu não sabia. Como é que podia saber? (p. 285)

Riobaldo, num jorro, esbanja as denominações do Outro; o narrador do MTC parece deter-se nas interrogações. Mais. No capítulo XV, João Garcia rememora um recente baile. Hesitava em ir, mas fora, numa

certa esperança de tornar a ver Margarida, talvez apelar para aquela frase da carta: “qualquer coisa que só um encontro, por acaso, poderia esclarecer”. Mas a coragem que lhe vinha na ausência dela, de volta dos inúteis e tristes passeios do Pasteleiro, caía, em a vendo perto, como uma bandeira molhada, na tarde de um arraial estragado pela chuva. (...) o dr. Luís da Rosa que lhe pegava por um braço (...): “A Senhora D. Margarida Dulmo... Não se conhecem?... Custou!”. E este desconchavo do dr. Luís da Rosa, (...), pusera de repente a cintura de Margarida na sua mão quase trémula e uma doçura sem palavras que lhe esculpia aquela cabeça viva, o ombro nu a um palmo da sua respiração, outra vez a serpente cega do anel contra a sua mão esquerda, que conduzia os dedos dela como quem pega numa pluma. Nenhuma palavra enchia aqueles minutos de dança, de que guardava só, como de um sonho, o filme das caras dos pares surgindo e perdendo-se no aperto. (...)

A conversa entre cortinas não adiantara nada. O discurso preparado semanas e semanas ao som das caixas de rufo da parada da Miliciania; durante a viagem; no beliche; naquele mês de Horta atravessado por um cavaleiro e uma amazona que desciam da Lomba ao entardecer, morria ali com a aragem da Doca entrando pelas janelas do palacete (...).

Como ele previra tudo! – a resistência de Margarida, a gafe da carta dirigida em comum a ela e a D. Corina, este embaraço e aquele silêncio... e como dera a tudo uma solução argumentada, com as retiradas dela cortadas pela sua lógica de amor! Mas era a construção de um tímido, uma dialectica e mais nada. O amor não queria confissões explicadas no vão de uma janela, nem alegorias literárias de um querer-bem concebido como matéria de um mito (...). Assim perdera o segredo daquela ocasião de uma valsa, como quem deixa cair uma minhoca inevitável debaixo dos pés de uma rapariga que tinha mais com quem dançar. (...) (VN, 1999, p. 151-152)

A boa e tão esperada oportunidade, de novo perdida! O preparar minuciosamente tudo, como no exemplo do GSV, e nada sair conforme o previsto. O descompasso entre eles, seus diferentes tempos, suas diferentes linguagens. Ainda antes do baile, quando o criado entregara a Margarida uma carta de Garcia, cheia de explicações, a focalização do interior da receptora é perfeita demonstração dos desacertos:

(...) Tudo aquilo era talvez necessário, sincero (...) outra vez a evocação do encontro de noite, na quinta – e “amor”, “meu amor”, mais de uma vez. Mas, por muito que Margarida quisesse responder àquela força, ela aparecia-lhe como uma coisa passada, sem responsabilidade nem efeito. Por que não lhe dizia ele aquilo mesmo na rua? Tomara ao pé da letra aquela primeira carta e as evasivas dela, a conversa evitada no dia do passeio a cavalo... as ausências do muro, à tarde... Mas então não via os seus passos furtivos pelos atalhos da quinta? a cadeira que deixava na varanda com o seu cestinho de costura? Não era aquela a sua linguagem viva, o “sim” que era preciso ir arrancar-lhe à força, com um gesto de gente? (p. 144).

A “linguagem viva” de Margarida – para ela tão evidente – é um idioleto que João Garcia ignora, nem alcança ver, quanto mais decifrar. O “caçador ratado” que é, no capítulo XXI, quase acaba caçado ou identificado a um cão de caça em busca da presa atingida:

Mas soou outro tiro, e o pombo ferido, desasado, foi cair a um junçal. Caminhando de gatas em direção às junças, João Garcia descobriu um vulto de caçador que, misteriosamente surgido do lado das falhas da rocha, saltara outro lanço de muro derrubado: – Você, Barreto?!... O outro correu, e vendo João Garcia pálido, ainda metido nas junças, perguntou: — Está ferido?... valha-me Deus! (p. 204)

Humilhante cena, simbólica: João Garcia “de gatas”, de quatro como um cão, saindo do junçal, deparando com um rival da mão de Margarida, o vitorioso no final. O fecho do capítulo é significativo: “Levava nos olhos aquele espetáculo bravo do ninho revolvido, o pombo esvoaçando e atirando-se como uma seta; depois o tiro estúpido que lhe esfacelara uma asa, e a unha de André Barreto penteando-lhe as penas do papo numa pasta de sangue (...)”. André Barreto. Seria esse o agente do mal? ou apenas sua fachada? a causa imediata, segunda, instrumental, talvez...

Voltando à disparidade de linguagens – “restos” de Babel? –, acompanhemos a focalização que encerra o capítulo XXXI:

(...) aquela carta que Margarida escrevera sob a escuridão da araucária numa tarde abafada pelos passos de Manuel Bana, e cujas palavras lhe pareciam agora estranhas à sua resolução, ditadas pelas águas do Canal, pelas nuvens roxas do Pico (...) Estou noiva. Noiva de quem?!... Ah! Agora, sim; agora é que a resposta estava talvez dada para sempre, riscada no mar pela proa de uma canoa do Pico e pela escolha cega de uma baleia trancada... Noiva de André Barreto! Nora do barão da Urzelina! (p. 278-279)

Se Garcia não decifra os sinais que Margarida deixa, esta não mede o teor das palavras que escreve e a “escolha cega” de uma baleia é que define o seu marido. Todos padecem cegueira.

Tratemos, agora, de outra personagem decisiva: o tio Roberto, meio irmão da mãe de Margarida, vindo de Londres para ver o pai enfermo. Ao longo dessa permanência, assistimos ao progressivo fascínio de Margarida pelo tio. Calmo, seguro de si, paciente, de bom feitio, vivia fora do Arquipélago; se casassem, ela poderia mudar para Londres, ter outra vida e também resolver as dificuldades financeiras da família. Quando mais entusiasmada estava, por uma complicada série de peripécias, nossa heroína se vê envolvida numa surpreendente caça à baleia, indo ter à Ilha de São Jorge. De lá, não poderá sair facilmente, por falta de barco para reconduzi-la ao Faial. Na forçada estadia em casa dos pais de André, ela vai tomando consciência de sua própria história e da dos seus. No GSV a revelação explode quando Diadorim morre. Reconhecida sua identidade, o impossível que impedia o amor entre Riobaldo e Diadorim desaparece para reaparecer mais radicalmente. Diadorim era mulher: a união se tornava possível; mas Diadorim morre: a consumação da união se torna absolutamente impossível. Em MTC, Margarida, detida em São Jorge, recebe um telegrama avisando de que seu tio está muito mal. Tio Mateus ou tio Roberto? Não se esclarece. Assistimos, então, à agonia da jo-

vem que, só após vários dias, recebe, noutra telegrama, o anúncio da morte do tio Roberto, vítima da peste. É notável o comentário do criado Manuel Bana, quando, mais tarde, relata a Margarida a morte de Roberto: “Quem é qu’havera de dezer qu’o alma do diabo de ua pulga, ua coisa qu’um home esmicha c’ua unha, haverá de matar aquêl senhor!... Entes a peste me tivesse lovado a mim! Mais, comò oitro que diz, a sorte é cega... vaso ruim nã quebra. Ê já tinha lovado a minha conta... Desta vez escapei...” (p. 322).

“A sorte é cega”. Seria? À baleia que a conduz à Ilha de São Jorge, Margarida qualifica de “cega”. Seria? Estaria esse desconcerto entregue à arbitrariedade do acaso? Recordemos *Moby Dick*. No capítulo IX, “O sermão”, o pastor (MELVILLE, p. 60-67)<sup>4</sup> retoma, de modo incisivo, o *Livro de Jonas*. Lembra como este, desobedecendo ao desígnio divino, ao invés de embarcar para Nínive, embarca para Tárzis. Lembra também como é lançado ao mar, engolido por uma baleia, que o vomita em Nínive. Lá terá de cumprir a missão da qual fugira. Com Jonas não houve acaso. Mas, cabe perguntar: e com Margarida? O que tem ela a ver com aquela história? A sua é outra! Que o leitor saiba, ela não recebera nenhum encargo divino, nem desobedecera!

Refletamos: se atentarmos para o fato de que é uma baleia – “cega”, segundo ela – que a separa do tio e que, muito mais radicalmente do que por umas horas, a conduz para a casa do pretendente André Barreto, não cabe perguntar se essa peripécia foi, de fato, um mero acaso ou, como na história de Jonas, o corrigir de alguma transgressão?

Ao arriscar resposta, lembro: 1ª – Margarida é a “Pérola do Faial”. *Margarita*, *ae*, em latim, pérola. De algum modo, ela está ligada ao mar; 2ª – Roberto é “tio” de Margarida, e, pode bem ser por isso que, ao nomeá-lo, quase sempre o narrador nos recorda esse vínculo. Se Jonas transgrediu por desobediência, também Margarida está a transgredir, por sua forte inclinação para casar-se com o tio Roberto, união consangüínea, incestuosa, portanto.

Quando Riobaldo, a alturas tantas, diz: “Otacília eu não merecia. Diadorim era um impossível” (GR, 1963, p. 462) ou: “(...) De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações? Me franzi. Ele tinha a culpa? Eu tinha a culpa?” (p. 466).

No romance de VN, Margarida não se põe o problema da consangüinidade, não o explicita como impossibilidade. Mas eis que a natureza e, fundamentalmente, o mar, ao qual ela parece pertencer, mobilizam-se para impedir tal união. Importa ainda notar um indício, no capítulo XXXV: Margarida, consultando uma enciclopédia, copia “tudo o que era misterioso e bonito em torno do nome de ‘Rober-

<sup>4</sup> Ver também os dois capítulos anteriores: “A capela” e “O púlpito”.

to” (VN, 1999, p. 314). Impressiona-se com a história do príncipe franco, Roberto II, o Piedoso, que repudiara a esposa para ligar-se a Berta de Bolonha, “sua prima carnal. O papa excomungara-o: se entrasse numa igreja, era enxotado como um cão!” (p. 314). Como acontece com freqüência em Nemésio, o narrador é elíptico, não explicita a questão do incesto, mas a ela alude; disse e não disse que era esse o impossível, uma violação da ordem natural.

Será no “Epílogo” que Margarida, já casada com Barreto – sempre por meias palavras – aproxima sua história da história da avó, compreendendo que sua vida repetira a dela:

(...) Margarida foi naturalmente levada a olhar para própria mão (...). E viu o seu querido anel, a serpente de ouro e esmeraldas que herdara directamente da avó Margarida Terra, sem chegar a passar pelo dedo da mãe. Perdera há muitos anos uma das esmeraldas que serviam de olhos ao bicho; com o anel assim mutilado falara de um muro a João Garcia numa noite de temporal (...). E Margarida sorriu amargamente, riu com os nervos todos. Sim... João Garcia não chegara a entrar no seminário (...). Ela, sim! Ela é que tinha tonsura, e uma castidade astral, de serpe cega, esmagada no dedo por uma maculada conceição! (...) (p. 348)

Margarida Terra e Margarida Clark Dulmo estavam ligadas por questões amorosas semelhantes. A avó quase se casara com o primo Francisco Brum ou Bruyn, que morrera na Flandres. Como a neta se dá conta, num monólogo dos últimos capítulos, muito provavelmente ela fora também o grande amor do tio Mateus, de quem era, igualmente, prima. Ambas coincidiram na probabilidade de uniões incestuosas e foram impossibilitadas de consumá-las pelo mesmo motivo, radical, inapelável: a morte dos pretendentes; ambas forçadas a casamentos sem amor, a uma “castidade astral”, não escolhida, mas a elas imposta por algo mais forte. A voz interior de Margarida lhe recorda que ficara assinalada. Herdeira do nome, da semelhança, do vestido, da cama, do anel, da sina, da “maculada conceição” da avó, herdara também a inclinação para o interdito, que forças cósmicas talvez, ou Deus, se encarregaram de impedir: os astros, o mar, a cumplicidade instaurada entre uma “baleia cega” e “uma pulga” de um rato – “ua coisa qu’um home esmicha c’ua unha” –...

Se no GSV, a travessia do S. Francisco “partiu (minha) vida em duas partes” (p. 293), também a travessia do Canal, partiu a vida de Margarida: “Estou noiva. Noiva de quem? Ah! Agora, sim, agora é que a resposta estava talvez dada para sempre, riscada no mar pela proa de uma canoa do Pico e pela escolha cega de uma baleia trancada... Noiva de André Barreto! Nora do barão da Urzelina!” (p. 279).

Riobaldo interroga: “(...) Por que foi que eu conheci aquele Menino? (...) mas para que? por que? Eu estava no porto do de-Janeiro, com minha capanguinha na mão, ajuntando esmolas p/ o Senhor Bom-Jesus, no dever de pagar promessa fei-

ta por minha mãe, para me sarar de uma doença grave (...)” (GR, 1963, p. 106). Embora não diretamente respondida, a indagação não permanece irrespondida. Riobaldo menino estava cumprindo promessa, dever “santo”, quando se deu o encontro com o Menino e a Travessia. Margarida tentava impedir o descumprimento do arresto das barcas e se vê na caça à baleia: “O que havia de ser dela?... Que pensaria a família?, a cidade alarmada (um escândalo) (...)” “Ah, menina!, tu não queres ver que a Bida Dulmo perdeu o juízo!? Imagina que se meteu num bote, sozinha com os homens, à baleia!...” (p. 261). A travessia modificou-os, tornou-os outros do que eram. Foi iniciação no aprendizado deles próprios, do outro, do bem, do mal. “Quem nunca foi tentado, o que pode saber?”, pergunta o livro dos Salmos. A tentação faz Riobaldo saber que pouco sabe do “labyrintho” interior, do mistério dos encontros e perdas, do incompreensível da vida. Também Margarida, na travessia, aprende sobre si mesma, sobre a fatalidade que a liga à avó, sobre uma vontade maior que se sobrepõe à sua, mesmo que, desde o início estivesse, como o menino Riobaldo, procurando o certo e cheia de boas intenções.

Se no **GSV**, a morte sacrificial de Diadorim liberta Riobaldo da condição de pactário, no **MTC** não parece haver perspectiva de redenção. Sobre Margarida e Roberto pesou uma dura justiça natural, um implacável Destino, como se essas personagens ainda pertencessem a um contexto anterior ao cristão. Em GR, há dor, perda irreversível, mas também libertação e paz. Em MTC, a dor não vai acompanhada nem de salvação nem de paz. A morte de Roberto apenas impede a transgressão, mas Margarida e Garcia não se concertam e cada um se verá casado com quem não desejava, se verá dilacerado pela amargura, votado à solidão. Nesse universo trágico, o Deus misericordioso, revelado no cristianismo, não tem lugar; Margarida, atirando o anel ao mar, num gesto análogo ao de Édipo ao cegar-se, atira-se simbolicamente, para ir habitar a solidão dos abismos atlânticos. Ela se descobre *cucumaria abyssorum*.

Em GR, a travessia fez saber que o que “existe é homem humano”: a resposta ao que não é lógico nem racional não pertence à ordem humana, transcende-a. O “homem humano” não é o homem que em nada crê e está só no mundo; é o que se sabe um ser limitado pela sua natureza. Seu ser não é divino; seu saber também não; há coisas que o superam, que não lhe é dado compreender. Não é a conclusão semelhante, que chega a personagem do “Livro de Jó”, quando, ao final das suas “discussões com Deus” e com os homens, lança a pergunta: “Quem é que obscurece assim a Providência, com discursos ininteligíveis?” (Jó, 42, 3, XVII). Grande linhagem.

## Abstract

A comparative analysis between *GSV* and *Mau tempo no Canal* (Vitorino Nemésio). Apparently they are different kinds of novels, but they belong to the great family of literary works that discuss the relations between human beings and superior forces. *MTC* is more related with *Jonas's Book*, *Moby Dick* and the classic tragedy; whereas *GSV* is closer to *Job's Book* and the christian spirituality.

Key words: Guimarães Rosa in a comparative view; Guimarães Rosa and the metaphysic tradition; Guimarães Rosa and Vitorino Nemésio; *Grande sertão: veredas* and *Mau tempo no Canal*.

## Referências

- Bíblia Sagrada.** Tradução dos originais pelo Centro Bíblico Católico. 46. ed. São Paulo: Ave Maria, 1984.
- CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas.** Edição de Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto, 1985.
- GARCEZ, Maria Helena Nery. **Vitorino Nemésio: paradoxos e imensidade.** Comunicação apresentada no XIX Encontro Brasileiro de Professores de Literatura Portuguesa da Abraplip. Curitiba. CD Rom. Mídia Curitibana, 2003.
- NEMÉSIO, Vitorino. **Mau tempo no Canal.** v. VIII da edição de Obras completas de Vitorino Nemésio. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1999.
- PAREYSON, Luigi. **Esistenza e persona.** 4. ed. Gênova: il Melangolo, 1985.
- ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas.** 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.